História da Psicologia
William B. Gomes
Aula 3

A PSICOLOGIA DE PLATÃO E DE ARISTÓTELES

Os grandes debates entre os primeiros sábios gregos exploravam uma temática de grandes questões: qual os princípios da natureza? O que é permanente e o que é movimento? O que é e o que não é verdadeiro? Existe verdade? Qual a natureza do homem? Como praticar uma vida virtuosa? Nosso interesse neste momento é localizar as primeiras formulações de uma área de conhecimento que, posteriormente, seria chamada de Psicologia Filosófica ou Racional. Esta área de conhecimento refere-se ao intelecto, esta capacidade humana de perceber, pensar e raciocinar. A grande questão era então saber o que é, como é, por que é, e para quê é este intelecto que nos diferencia dos demais animais, e traz direção e sentido para nossas vidas. A preocupação seguinte foi a pergunta sobre qual seria a relação entre intelecto e corpo, este corpo através do qual as capacidades mentais encontravam sua forma de expressão.

Neste capítulo vamos aplicar as perguntas de referência as psicologias de dois importantes filósofos Platão (428/7-347AC) e Aristóteles (384/3-322AC).

3.1 A Psicologia de Platão

Platão nasceu em Atenas filho de uma família aristocrática. Foi discípulo de Sócrates e seu principal sucessor. Muito do que se sabe sobre Sócrates veio através dos diálogos escritos por Platão. Ele fundou uma escola de filosofia em Atenas que sobreviveu até o ano 529 DC quando foi fechada pelo Imperador Romano Justiniano. Foi através desta escola que seus ensinamentos contribuíram para a educação dos filhos dos Romanos através de Plotino, influenciando também o Cristianismo através de Santo Agostinho. Os escritos de Platão chegaram aos nossos dias através de caminhos tortuosos. Os originais gregos eram raridade na Europa da Idade Média. O pensamento de Platão tornou-se conhecido através do Império Bizantino e do mundo Islâmico. Chegou a Europa através de traduções para o latim realizadas por Cícero e Boécio e também de apanhados preparados por estudiosos das idéias de Platão. No século XV um humanista de Florença chamado Ficino traduziu os escritos de Platão contribuindo para sua difusão no mundo ocidental.

A principal característica do pensamento de Platão é encontrar uma justificativa ontológica para as posições de Sócrates. Ou seja, responder a nossa primeira pergunta, no caso, o que é intelecto. No entanto, suas teorias trazem um dos primeiros esboços dos principais temas psicológicos, tais como, intelecto (via cognitiva) emoção (via afetiva), motivação e saúde mental (via ativa e grandes sínteses), e diferenças individuais.

3.1.1 O que é intelecto para Platão?

Platão, seguindo Sócrates, defendia que a origem do Intelecto, estava na alma. A alma era uma substância simples e indivisível, eterna, possuidora da verdade, princípio de todo o movimento, capaz de reminiscências de existências anteriores, nunca se decompondo. Sua ligação com o corpo era de aprisionamento estando nele por uma espécie de decadência e assim buscando a purificação e a libertação. A tarefa da alma era superar as ilusões das impressões sensoriais e vencer as seduções do corpo para que fossem avivadas suas reminiscências. Através do contado com o mundo e com os outros seres a alma poderia despertar a lembrança do Belo e do Bem Absoluto. Cumprindo esta tarefa, a alma encontraria sua via de libertação. Deste devir (processo de vitória ou derrota) dependeria sua ida para o seu verdadeiro lugar, escapando a roda dos nascimentos ou o retorno ao Hades para, posteriormente, reencarnar em outro humano ou animal.

Na verdade, Platão entendeu as funções da alma como organizadas em uma hierarquia. No nível mais elementar a alma é simplesmente o princípio da vida, não apresentando nem percepção, nem memória e nem desejo (*Philebus*). No segundo nível, a alma aparece em seu lado mortal e é constituída pelas paixões, apetições e sensações irracionais. Este nível dividi-se em dois subníveis: o mais baixo formado pelos apetites e pela luxúria; e o mais alto formado pelas emoções. Por fim, no terceiro nível estava a parte imortal da alma que era a racionalidade e a inteligência. Hearnshaw (1987) baseado nesta hierarquia entendeu que Platão não seria um dualista pois acenava para interações entre corpo e alma em níveis multivariados.

Contudo, o que predominou no entendimento dos filósofos que o sucederam foi um conflito de natureza ou substância (ontológico). Um conflito entre a nostalgia de uma eternidade e as seduções da vida terrena que chegavam através das impressões sensoriais do corpo. Com esta posição, Platão distanciou-se dos filósofos que o precederam negando à alma qualquer materialidade pois sua existência era tida como independente do corpo.

3.1.2 Como é o Intelecto e quais são os processos do conhecimento?

Uma preocupação que vem desde os primeiros filósofos era elucidar o que é verdade e o que é aparência. A verdade deveria estar em algum ponto entre as impressões sensoriais e a reflexão racional. Protágoras, o sofista, dizia que o conhecimento dependia das sensações e a verdade poderia ser uma para cada pessoa. Sócrates, ao contrário, acreditava que o saber já estava na alma e assim se deveria buscar a verdade nos mais profundo do ser.

Para Platão, o conhecimento não poderia apoiar-se nas impressões sensoriais pois elas estavam em constante mudança. O conhecimento verdadeiro não poderia sustentar-se em aparências. Teria que se valer de alguma coisa que fosse permanente e que existisse fora da mente do percebedor. Isto não quer dizer que ele descartasse completamente a informação sensorial mas que mostrava a necessidade do uso da memória, da razão e da memória inata para se chegar a verdade.

3.1.3 A lógica do conhecimento (o por quê)

O verdadeiro conhecimento seria atingível não através da matemática, que apesar de possuir uma essência não se justifica a si mesma, mas por uma habilidade de

raciocinar dialeticamente, isto é, através da dedução racional das formas. Por formas Platão entendia as estruturas eternas que organizam o mundo e que são conhecidas através da dedução racional. Estas formas seriam reais e permanentes, e pré-existiam na alma. Esta posição enfatiza o caracter inatista da posição de Platão, isto é, idéias e princípios independentes da experiência. Um exemplo interessante está no *Menon* quando relata um episódio no qual Sócrates interrogou um pequeno escravo de modo a orientá-lo para descobrir a solução de um problema matemático: construir um quadrado cuja superfície seja o dobro da um quadrado dado. O escravo encontrou a solução do problema sem nunca ter estudado o que veio provar que ele já possuía consigo a resposta.

3.1.4 A psicologia aplicada de Platão

O quarto item do esquema que estamos usando refere-se sempre a questão das implicações morais ou da ética de uma determinada teoria. É nesta esfera do saber que encontramos as questões de uma psicologia prática. Platão, com a noção de uma alma que contém em si mesma a sabedoria e a verdade, valoriza todo o esforço no sentido de alcançar esta "via de libertação", que é o bem absoluto e universal. No entanto, é quando examina os problemas da vida quotidiana que se defronta com a necessidade de melhor explicitar as relações entre alma e corpo. As relações são apresentadas na alegoria da "parelha de cavalos conduzidos por um cocheiro" (*Fedro*). O cocheiro é comparado a razão, um cavalo a energia moral e outro ao desejo. Tem-se então, talvez, o primeiro esquema tripartido do conduta humana. A preocupação da relação mente-corpo ainda aparece em um dos seus últimos livros o *Timeu*. As partes da alma ocupam diferentes partes do corpo. A razão ocupa a cabeça, a energia moral o torax e as paixões o abdômen. Também apresenta uma incipiente descrição psicofisiológica sustentando que é a medula que une a alma ao corpo.

Os problemas psíquicos seriam decorrentes de intemperança e uma boa saúde mental estava na moderação, no raciocínio e no cálculo, nas reflexões, no convívio com as artes, e no equilíbrio da realização dos desejos. Estas recomendações preventivas deveriam substituir o uso de remédios.

É no entendimento das diferenças individuais que a posição inatista de Platão mostra-se com clareza. Na *República*, o Filósofo cria uma sociedade utópica, governada por um sistema hierárquico, composto por um pequeno grupo de indivíduos com inteligência superior. As funções desta sociedade seriam distribuídas de acordo com os talentos que cada um trouxesse ao mundo. Quem possuísse grande coragem seria cuidador de todos, aqueles com superior senso de beleza e harmonia seriam artistas, e os de pouco talento e habilidades seriam escravos. Platão vai mais longe ainda. A preservação destas diferenças poderia ser obtida através de casamentos pré-arranjados.

3.1.5 As contribuições da psicologia de Platão

A psicologia de Platão trouxe um conjunto de preocupações e indicações que foram retomadas por teorias psicológicas posteriores. Seu entendimento de uma alma organizada em diferentes níveis antecipa a organização das áreas básicas da psicologia contemporânea, ou seja: sensação, percepção, memória, emoção e cognição. Mostra as dificuldades das relações entre motivação e emoção, apresenta um breve esboço de saúde mental e ainda levanta o problema das diferenças individuais. Com relação a sua

justificativa lógica é importante lembrar que Platão era primeiramente um estudioso da astronomia. Desta forma, um método dedutivo baseado na matemática e na geometria era a garantia para estabelecer um critério de verdade para o conhecimento.

3.2 A Psicologia de Aristóteles

Aristóteles nasceu na Macedônia. Seu pai era um médico da corte do rei. Aos 17 anos foi para Atenas estudar na Escola de Platão. Permaneceu em Atenas por 20 anos como estudante e também professor. Afastou-se de Atenas, depois da morte da Platão, e foi morar em uma cidade da Ásia Menor chamada Assos. Depois mudou-se para Macedônia onde foi tutor de Alexandre o Grande. Quando Alexandre tornou-se rei foi para Atenas e abriu a sua escola que foi chamada de Liceu. Foi nesta fase de sua vida que escreveu suas obras sobre biologia e psicologia (Hothersal, 1990, p. 21). Com a morte de Alexandre, Atenas foi tomada por um sentimento anti-macedônico e Aristóteles teve que se retirar para uma propriedade de sua família.

Aristóteles foi gradativamente afastando-se das idéias de Platão e assumindo uma posição mais realista e naturalista em relação a alma e ao mundo. Criticou os pitagóricos e os platônicos por defender uma alma sobrenatural e não atentarem para as características reais, físicas e orgânicas do homem. No entanto, não aceitava o extremo materialismo dos atomistas, pois acreditava que as características humanas de poder escolher e pensar eram de outra ordem. Defendeu que o princípio vital difere dos componentes do mundo físico, que a relação entre alma e corpo era funcional, e que a alma não subsiste sem o corpo.

Hearnshaw (1987 pp. 27-28) descreveu o percurso dos livros de Aristótles até a Europa do seguinte modo:

> No início da idade média Aristóteles já era conhecido principalmente por sua lógica e pelos comentários de Boécio. Seus livros alcançaram a Europa através da invasão de Constantinopla pelas Cruzadas em 1204 DC. Da mesma forma, começou a circular pela Europa os comentários aristotélicos dos filósofos islâmicos como Avicenna (Sec. XI) e Averroës (Sec. XII). Logo depois, surgiram as versões cristãs de Aristóteles com as exposições de Pedro de Espanha (aproximadamente em 1250 DC) e Tomás de Aquino (aproximadamente em 1260 AD). Estes autores também reestabeleceram a psicologia como uma disciplina filosófica. O pensamento de Aristóteles será dominante nos próximos 400 anos e também reaparecerá no início da psicologia moderna através das teorias de Brentano e dos psicólogos católicos.

Aristóteles é considerado como o primeiro grande pesquisador sistemático. Definiu o objeto de estudo de várias ciências e foi o primeiro a oferecer uma teoria sistemática sobre a psicologia. Foi também o primeiro historiador. As características principais do trabalho de Aristóteles estão em sua preocupação como a observação, em seu gosto pelo concreto e em seu interesse pelo individual.

Lembre-se que nossa disciplina de história iniciou descrevendo a psicologia em três grandes vias: cognição, afeição e conação. Antecipou-se também que estas três vias são priorizadas e enfatizadas de modo diferentes nas teorias psicológicas. Nos escritos de Aristóteles as três vias são tratadas em livros diferentes. Cognição e biologia são

estudados em *De Anima* e em *Parva Naturalia*. Conação e afeto são tratados em *Ética* e *Retórica* . A seguir vamos ver como Aristóteles responde as nossas quatro perguntas.

3.2.1 O que é o intelecto para Aristóteles

O intelecto em Aristóteles surge da relação entre a alma e o corpo. Alma e corpo não são entidades separadas. A alma é "causa e princípio do corpo vivo". Suas manifestações como coragem, doçura, temor, piedade, audácia, alegria, amor e ódio apresentam-se através do corpo. A alma coordena as funções vitais do organismo que são: sensações, afeições e atividades, sensibilidade e entendimento. A relação entre alma e corpo é de natureza funcional. Seu objetivo é assegurar a harmonia das funções vitais. Aristóteles diverge das teorias de Pitágoras e de Platão pois nega a natureza sobrenatural da alma e enfatiza sua natureza real, física e orgânica. Critica também a teoria dos átomos de Demócrito como insuficiente para explicar a intervenção da escolha e do pensamento. A alma como princípio da vida e do movimento também está presente nos animais. A diferença entre o homem e os animais é uma questão de grau. Diz Aristóteles: "do animal ao homem, o que caracteriza a passagem é uma espécie de aperfeiçoamento" (De Anima, III, 5). Nas plantas, a alma é meramente nutritiva. Nos animais a alma é sensitiva. No homem, a alma é racional. Nota-se, assim, que Aristóteles vai formulando uma psicologia como uma extensão da biologia. No entanto, Mueller (1968) e Hearnshaw (1987) alertam-nos para um fundamento ontológico que parece dirigir a teorização de Aristóteles. Ele acreditava em um princípio vital originário e perfeito. Neste sentido mesmo a imperfeição procederia da perfeição. Alma e corpo são aspectos de uma mesma substância. Substância é definida como uma composição de matéria e forma. Matéria é potencialidade e forma é realização. Temos, portanto, uma teoria que é realista mas não materialista.

3.2.2 Como é o intelecto e quais são os processos do conhecimento?

O intelecto é a capacidade humana de conhecer. Aristóteles distingui um conjunto de funções intelectivas ou cognitivas. São elas: sensação, imaginação, memória, razão prática e razão criativa. Para ele a inteligência racional é o *nous* como definido por Anaxágoras.

As sensações são definidas como um processo que envolve movimentos físicos, transmissão através dos órgãos dos sentidos e da alma. Qual seria o papel da alma neste processo? Há em cada sensação um objeto sem matéria, ou seja, a sensação sempre contém um elemento de abstração. A alma é que traz este elemento de abstração. Foi Aristóteles quem definiu os cinco sentidos que atuam conjuntamente e que são capazes de produzir informações simultâneas de um mesmo objeto. Os estudos sobre sensações de Aristóteles ocupam boa parte do *De Anima,* e também é a parte mais extensa do seu tratado *Parva Naturalia,* intitulada *De Sensu*. Seu trabalho é respeitado por conter observações sistemáticas e exaustivas. Compreende-se, no entanto, que os erros cometidos devem-se aos equívocos de suas formulações em fisiologia e em física. Um erro importante de Aristóteles foi desprezar a medicina de Hipócrates e afirmar que o centro das sensações era o coração.

A imaginação desempenha um papel importante no intelecto. Faz a intermediação entre as sensações e a razão, e está em ligação com a memória. A sensação envolve um ato que contém um objeto real enquanto a imaginação lida com as ausências. Quando os sentidos estão inativos, como no sono, o intelecto continua em

atividade ligando a função sensível à função imaginativa, produzindo o sonho. Os sonhos não eram entendidos como mensagens dos deuses pois os animais também sonhavam. A memória é a conservação do passado e é constituída de imagens cópias de experiências anteriores que preservam a continuidade vivida e podem ser evocadas voluntariamente (Mueller, 1968). É através da memória que se estabelece associações, ou seja, uma relação entre movimentos deixados por sensações e que tendem a suceder-se em certa ordem. Os princípios de relações associativas são contiguidade, semelhança e contraste. Note-se que Aristóteles enfatiza o prolongamento dos movimento sensoriais mesmo após ter cessado a estimulação física. Como resultado, sensações prolongadas associam-se a outras sensações semelhantes disponíveis na memória que ativam a imaginação.

Os materiais fornecidos pelos sentidos são transformados em informações inteligíveis pela razão. A razão é diferenciada em razão passiva e razão ativa. A razão passiva é aquela que sintetiza os dados do sentido e da imaginação. A razão ativa é aquela capaz de abstrair, organizar e transcender. Aristóteles não encontrou um meio de explicar a razão ativa a não ser atribuir-lhe uma natureza divina. Em outras palavras, a alma em suas funções mais elevadas não recebeu uma explicação empírica (com base na experiência).

A capacidade humana de autoconhecimento também foi preocupação de Aristóteles. Os gregos não possuíam um termo para consciência, palavra usada hoje para autoconhecimento. Consciência em sentido psicológico significa ter conhecimento do que se está fazendo em um determinado momento. Aristóteles entendia que uma pessoa em estado de vigília estava ciente de suas sensações. Para ele, ter sensação era um sinal de que a pessoa estava em vigília (*Parva Naturalia*). Em *Ética* ele fala claramente que quem ouve percebe que ouve e quem anda percebe que anda, e que perceber que percebemos é perceber que existimos.

A última consideração sobre o intelecto está nesta pergunta intrigante e fundamental para a psicologia: como se passa do conhecer para o agir. Note-se que estamos tentando estabelecer uma relação entre a via cognitiva e a via ativa. Para Aristóteles a ação depende do desejo. A ação é impulsionado pelo desejo para atingir a um fim. Este fim é decorrente das informações sensoriais, da imaginação e do pensamento (razão). A ação é voluntária quando procede de um agente que está ciente do que está fazendo. No entanto, a razão pode falhar e a ação passar a ser dirigida unicamente pelo desejo. Aí está posto o conflito potencial entre razão e desejo.

A emoção é definida em três componentes (*De Anima, Retórica*): um componente sensorial como a audácia e o medo; um componente cognitivo como uma antecipação de uma conseqüência futura o que faz se sentir medo de alguma coisa; e um componente afetivo que afeta o julgamento e é regulada pela dor e pelo prazer. (Hearnshaw, 1989).

3.2.3 A lógica do conhecimento

O conhecimento deve ser obtido através de um equilíbrio entre a indução baseado no material empírico (observação e experiência) e a dedução decorrente de um pensamento formal. O grande destaque de suas análises é a noção de causalidade. Aristóteles identificou quatro causas: 1) a causa material que é a essência presumível, subjacente e imutável de um objeto em um tempo qualquer, como por exemplo, a madeira, o tecido, o carbono, o eletrodo, etc.; 2) a causa eficiente, que é a sucessão de

eventos sobre o tempo que se acredita originar ou sustentar o movimento, por exemplo, puxar, mover, cair; 3) a causa formal, que é a estrutura, estilo de organização, consistência interna de um objeto ou evento na experiência, por exemplo, plenejamento, consistência; e 4) a causa final que é a razão, fim, propósito ou objetivo pelo qual uma linha de comportamento está sendo colocado em ação ou está sendo criada, como por exemplo, intenções, planos, esperanças e desejos

3.2.4 A psicologia aplicada de Aristóteles

Com base em seus princípios, Aristóteles oferece-nos um conjunto de sugestões e advertências. Ele antecipa uma teoria de psicopatologia quando diz que a confusão entre a memória e a imaginação produz desequilíbrios pois toma-se imagens como se fossem realidades. No entanto, sua preocupação com a natureza vegetal e com a biologia levou-lhe, certamente, a formular uma concepção moral de que vegetais, animais e seres humanos dirigem-se, movidos por um ser supremo, em busca da perfeição. Esta perfeição estimula a busca do conhecimento, da beleza e da verdade, está também no impulso do prazer. Para ele, todas as atividades devem ser fonte de prazer. A felicidade do homem está na sua capacidade racional, pois a razão leva a virtude que é idêntica a felicidade. Numa perspectiva biológica, Aristóteles entende que a função de todos os viventes é crescer, reproduzir-se e conservar a espécie. A liberdade de escolha traz grandes dificuldades para as relações sociais e para a ação política. O bom uso da capacidade de escolha vai depender da formação de hábitos e da inteligência. Por fim, o objetivo da moral é trazer a felicidade para todos (Mueller, 1968).

Leituras complementares

Mueller, Fernand-Lucien (1968). *História da psicologia* (Trad. L. L. de Oliveira e M. A. Blandy e J. B. Damasco Penna). São Paulo: Companhia Editora Nacional. (Capítulos 5 e 6)

Gaarder, Jostein (1995). *O mundo de Sofia* (Trad. João Azenha Jr.). SP.: Cia de Letras.

Guia de Estudo

1. Responder as quatro perguntas de estudo (o que, como, por que, para que) nas duas teorias.
2. Identificar o princípio geral que unifica os quatro campos do conhecimento, conforme indicado pelas respostas às perguntas.
3. Listar e relacionar os termos psicológicos presentes nas teorias.
4. Diferenciar o principal interesse de cada filósofo e as conseqüências destas escolhas nas orientações que eles ofereciam para se chegar ao verdadeiro conhecimento.